

uma semana de janeiro de 1919

christian ferrer*

Quantos foram os mortos? Seiscentos, como mínimo, como foi dito muitas vezes? Um morto já é demais. Ou foram novecentos, como denunciaram de imediato os anarquistas? As cifras não têm comparação na história argentina no que se refere a conflitos políticos ou sociais localizados. Ou mil trezentos e cinqüenta e seis mortos, segundo informou ao seu governo o embaixador dos Estados Unidos? Em Buenos Aires, assassinou-se à vontade. O bombardeio da *Plaza de Mayo*, em 1955, ou o massacre de *Ezeiza*, em 1973, numerosos em vítimas, não chegam aos pés da selvageria policial, militar e classista que se desatou sobre a cidade durante os acontecimentos que foram contidos sob o nome de *Semana Trágica*. Ao contrário, há notícia da quantidade de baixas policiais: três mortos, setenta e oito feridos. A desproporção é clara: foi batida, caçada e tiro de misericórdia. Na cena de sangue sobressai, além do mais, um safári de meninos ricos, que também

* Sociólogo, professor da Universidade de Buenos Aires.

contribuíram ao holocausto urbano. Assombra que uma matança de tal magnitude tenha podido ser tranquilamente assimilada pelo sistema político e dissolvida, misteriosamente, na memória dos portenhos, como se tivesse sido, apenas, um mal sonho.

Aconteceu na segunda semana de janeiro de 1919, e nada pressagiava uma noite de São Bartolomeu.¹ Hipólito Yrigoyen, líder popular, era o presidente; a maquete de um futuro venturoso, sustentado pela feracidade inevitável do solo, era já um item das crenças argentinas; quatro anos de loucura bélica na Europa não tinham borrifado sangue no país. Mas a cena pastoral da planície dos pampas e o vigor centenário da cidade liberal mal ocultavam o amassado do cartão postal: os conflitos sindicais se propagavam; existiam duas organizações operárias com milhares de afiliados, ambas chamadas *Federación Obrera Regional Argentina* (FORA); as idéias anarquistas não eram desconhecidas na cidade; e grande parte da população vivia ainda como na época da colônia ou era explorada nos bairros fabris.

Os primeiros dez dias que comoveram o mundo no ano de 1917 já tinham se transformado em dois anos de governo comunista na Rússia, e não foram poucos os países que se puseram em guarda contra quem promovesse idéias “maximalistas”. Ainda mais se o porta-voz dessas idéias fosse estrangeiro, por exemplo “russo”. Um ano depois da mudança de regime em Moscou, em 1918, o governo norte-americano expulsou uma boa quantidade de sindicalistas de origem russa, que também eram judeus, durante uma onda de paranóia cívica conhecida como “Terror Vermelho”. Entre as deportadas destacavam-se Emma Goldman e Molly Steiner, duas ativas anarquistas.

Uma semana de janeiro de 1919

Uma década antes, no dia 1º de maio de 1909, houve muitos caídos na manifestação reunida para comemorar o Dia dos Trabalhadores na *Plaza Lorea*, dispersada a tiros pela força policial a mando do Coronel Ramón S. Falcón, que seria morto meses mais tarde, por vingança, pelo anarquista Simón Radowitzky. Luis Dellepiane substituiu Falcón no comando da polícia, e será o homem a cargo da repressão durante essa semana de janeiro de 1919. Nesse mesmo ano de 1909, mas em Barcelona, outra insurreição popular tinha sido reprimida por meio de canhões e fuzilamentos. Foi ali onde foi cunhada a fatídica conjunção de tempo e espaço: “a semana trágica”, saldada, daquela vez, com cem mortos, cinco condenados a morte, sessenta a prisão perpétua e duzentos desterrados. Não surpreende que durante os acontecimentos portenhos a palavra “catalão” se transformara em sinônimo de anarquista.

Já estavam condenados os anarquistas. Tanto pela classe alta, embebida de medo, quanto pela polícia, pelo acontecido a Falcón. Para ambos o anarquismo era pouco menos que um eufemismo de “bomba”. A princípios do século XX, a figura social do anarquista continha atributos obscuros: eram niilistas, intempestivos, estranhos. Mártires perigosos, no máximo. É curioso que a maior parte dos anarquistas fosse, na verdade, inventora e construtora de instituições, idéias e costumes que em décadas posteriores seriam adotadas ou absorvidas de uma ou outra forma pela vida social. Obviamente, tinham ocorrido atentados isolados que excitaram o pânico dos ricos: contra o presidente Manuel Quintana e depois contra o vice-presidente em exercício, Victorino de la Plaza, além de uma bomba lançada no Teatro Colón. Para a imprensa nacional não foi difícil condensar a rica e construtiva história dos libertários na figura “negra” da ave das tormentas: intransigente, irreduzível e distante. Enfim, eram o inimigo público.

Isso tinham em mente os conservadores no momento de se iniciar o conflito sindical e urbano de janeiro. Mais ainda, num ato anarquista, no final de novembro de 1918, tinha sido ferido o Chefe da Polícia de Buenos Aires, depois de um enfrentamento.

Não tremeu a mão do governo, dos legisladores e dos juizes do começo do século XX, na hora de assinar ordens de captura ou de expropriação. Em 1902, o Congresso Nacional aprovou a assim chamada “Lei de Residência”, destinada a se converter em jurisdição infame. Miguel Cané, seu autor, considerava o anarquismo uma patologia, e com sua proposta pretendia conseguir a expulsão de todo estrangeiro que levantasse a voz ou peticionasse com firmeza. Essa lei foi coroada, em 1910, por uma espécie de anexo, a “Lei de Defesa Social”, que limpou o país de agitadores ácratas durante as celebrações do Centenário. Também em 1902, tinha sido criada a “Seção Especial” da polícia, que se ocupava de bisbilhotar as atividades grevistas e anarquistas. Ou seja, quem não terminou expulso foi atirado na ilha da Terra do Fogo, cuja instituição mais importante era a prisão, também construída nesse funesto ano de 1902 pelos próprios condenados.

Os acontecimentos iniciaram-se na entrada da *Sociedad Hierros y Aceros Limitada de Vasena e Hijos*, no bairro *Sur*. No dia 7 de janeiro, o enfrentamento deixou quatro mortos e trinta feridos. Dois dias depois houve greve geral em toda a cidade. O cortejo fúnebre dos primeiros caídos, que se dirigia ao cemitério da *Chacarita*, foi atacado duas vezes, a última no próprio cemitério, e houve vários outros mortos. A partir desse momento tudo resultaria em caos, aturdimiento e tiroteio, e durante vários dias a vida ficou muito precária. A redação do jornal anarquista *La Protesta* foi arrasada enquanto as manifestações e as barricadas se

Uma semana de janeiro de 1919

estendiam por quase todos os bairros operários. A polícia foi insuficiente, e então o exército encarregou-se da repressão, ajudado por brigadas homicidas, conformadas por jovens da classe alta. Estes últimos dedicaram-se ao saqueio e ao assassinato no bairro *Once*. Nesse mesmo momento, mas longe, na Alemanha, era esmagada a rebelião da esquerda espartaquista. Aqui também, os ecos próximos da Revolução Russa, da Reforma Universitária e das longas greves gerais enroscaram-se num momento que em parte foi reativo e em parte messiânico. Quer dizer que a insurreição popular não foi a conseqüência de uma greve desatinada, mas a libertação violenta de forças sociais que já não podiam ser contidas. Tinham sido reclamadas, a Pedro Vasena, a redução da jornada de trabalho de 11 para 8 horas e a implementação do descanso dominical. Era pouco, mas ele o considerou excessivo.

Quando finalmente pôde ser recolhida a amarga colheita no campo de batalha, as baixas eram incontáveis: entre setecentos e mil trezentos mortos, dois mil ou talvez três mil feridos, e trinta mil detidos, numa cidade ocupada pelo exército. Do censo semanal de um país que apreciava apresentar-se em sociedade como “celeiro do mundo”, só se espremeu sangue. Por sua vez, os protagonistas políticos apenas puderam responder à sua natureza: audácia e coragem desesperada por parte dos anarquistas; dúvidas no Partido Socialista; recurso constitucional ao estado de sítio; miopia e mesquindade de classe no caso dos donos de indústrias; deslizamento da condição popular do governo radical em direção à razão de Estado. Além disso, os jornais dedicaram-se a exaltar xenofobia e comoção: seus temas são a ordem acima de tudo e o nojo ao “mal imigrante”. Nos últimos dias daquela semana os “senhoritos” se dedicarão à caça do judeu no *Once*.

Poucos meses depois da matança, Arturo Cancela escreveu um conto, *Una semana de holgorio*,² o primeiro a tratar do episódio sangrento, e em 1966 David Viñas publicou *En la semana trágica*, um relato dos acontecimentos desde a perspectiva de dois meninos ricos que saem para defender a honra de sua classe e para matar insurgentes. O ponto de congregação é o *Círculo Naval*, tal como verdadeiramente aconteceu. Quando ingressa, um dos personagens enquadra os presentes: “parece a Bolsa”. Um conventículo de esnobes e de sobrenomes duplos dispostos a conformar patrulhas de limpeza. É uma das primeiras obras literárias em que se trata o ataque ao bairro judeu, pois Cancela não menciona as sevícias e mortes acontecidas no bairro *Once*, enquanto que David Viñas relata o assassinato de um alfaiate judeu. Juan Carulla, um homem de direita que tinha sido anarquista na sua juventude, relatou em sua autobiografia, chamada *Al filo del medio siglo*, aquilo que observou no bairro do *Once*: vexações, violações, gente arrastada pelas ruas, casas saqueadas, gritos de medo, fogueiras alimentadas com livros, assassinatos. E registrou o grito de guerra dos atacantes: “Morreram os judeus! Morreram os maximalistas!”.

Na verdade, já existia uma crônica, a mais significativa de todas. Se fosse para ser incluída em algum gênero literário, esse gênero seria o da vigília insone. *Koshmar*, quer dizer, “pesadelo”: é esse o título daquele testemunho publicado em 1929 em língua iídiche. Transcorreria meio século até que se vertesse em papel uma versão em castelhano. De tal maneira que naquele tempo poucos tomaram conhecimento do livro de Pinnie Wald, carpinteiro, jornalista de uma publicação portenha em iídiche e membro do Bund, agrupação de judeus socialistas ligados por sua vez ao Partido Socialista de Juan B. Justo e Alfredo Palacios. Wald foi acusado de ser o “Presidente do Soviet de Buenos Aires”, o que não

Uma semana de janeiro de 1919

foi mais do que uma “armadilha policial”, e a coroa de espinhos da sua via-crúcis. Crônica da caçada humana, testemunha do assalto às casas e lojas dos judeus, e martirologio. Quem ler este livro somente desejará poder fechar os olhos.

Pinnie Wald trata das emoções próprias do momento: desconcerto, pânico, vontade de vingança e espírito de luta numa cidade silenciosa e no escuro, sem ordem de tráfego e com veículos em chamas, tiroteios dispersos por todos lados e sem jornais por dois dias. Há sangue nas ruas e há sangue nas prisões. E há licença para torturar, para humilhar e para matar. São os prazeres do vitorioso. Foi o que Pinnie Wald pôde ver antes de ser arrastado até a delegacia localizada na rua *Lavalle*, entre *Paso* e *Pueyrredón*, onde ainda se encontra. Foi nesse lugar onde ele mesmo e muitos outros foram suplicados: amedrontamento, ofensa, humilhação, despojo, crueldade, vingança de classe, exposição dos corpos sob tortura ao olhar de curioso e de “personagens importantes”. Tudo isto voltaria a se repetir em décadas posteriores.

Sobrepõe-se ao testemunho político de Pinnie Wald uma auto-análise sob risco de morte. Quando se está submetido à arbitrariedade do poderoso, quando se está encapsulado em delegacias transformadas em masmorras e matadouros, poderia se dizer em campos de concentração improvisados, a mente não é mais do que um pássaro enlouquecido e talvez seja esse o motivo da forma escolhida para contar um episódio de caráter bíblico: o delírio, que é a forma adequada a uma alma que está sendo atormentada. Escreve Wald: “pensei que a realidade era incrível”. A esperança restabelece-se com a aparição na delegacia do deputado Alfredo Palacios, de advogados socialistas e de um delegado da FORA. É um momento de epifania que permite ao narrador contra-

por os “olhares fraternos dos companheiros” aos olhares duros, festivos ou cruéis dos seus martirizadores. Ao ser libertado junto com vários outros, Pinnie Wald observa seus companheiros de infortúnio: deformes, ensangüentados, sujos e aterrorizados. “Pareciam máscaras”. Tinham-lhes arrancado o rosto.

Uma vez acalmada a violência e recolhidos os cadáveres, a bancada de legisladores radicais deixou de lado os pedidos de relatórios sobre o pogrom. Havia lixo para ocultar sob o tapete, pois muitos relatórios da época responsabilizaram o Comitê Capital da União Cívica Radical, cujo presidente era Pio Zaldúa, de ter jogado nas ruas pistoleiros com bandeira argentina. Teriam sido partícipes do pogrom. Francisco Beiró, um dirigente radical que seria Ministro do Interior em 1922, enfrentou-os e se ocupou de levar dirigentes da comunidade judia diante da presença de Hipólito Yrigoyen. Mas, anos depois, o General Dellepiane também seria recompensado com o cargo de ministro de Guerra do governo radical. E, dez anos depois dos acontecimentos, em 1929, o anarquista Gualterio Marinelli atirou seis vezes contra o automóvel presidencial que levava Yrigoyen pelo bairro de *Constitución*, errando o alvo e sendo assassinado pela segurança do presidente.

Nunca faltaram judeus entre os anarquistas, tanto intelectuais como trabalhadores, particularmente no interior da indústria têxtil. A lista é longa: Gustav Landauer, o amigo de Martin Buber; Bernard Lazare; Erich Muhsam; e até Franz Kafka quando jovem foi simpaticante. O jornal *La Protesta* incluiu por algum tempo uma página em iídiche e Simón Radowitzky, que definhava na prisão de Ushuaia, era o máximo mártir dos libertários. Depois seria organizada a Liga Racionalista Israelita-Argentina, de tendência anarquista, e depois de 1948 o ideal cooperativista e autogestionário dos kib-

Uma semana de janeiro de 1919

butz israelitas entusiasmou por um tempo aos anarquistas de todo o mundo. Duas anedotas de calibre muito diferente: durante a Segunda Guerra Mundial, um tal Steimberg visitou Argentina, um menchevista que tinha sido ministro durante o governo de Kerensky, na Rússia. Pois bem, junto aos anarquistas locais arquitetou a idéia de pedir a Juliana, Rainha da Holanda, então no exílio londrino, uma ilha de sua propriedade, no Caribe, a título de “lar judeu” para os refugiados europeus. Uns poucos anos antes, em 1939, um carpinteiro chamado Georg Elser, que tinha sido simpatizante das idéias anarquistas, colocou uma bomba numa cervejaria de Munique onde devia falar Adolf Hitler. Falhou por dez minutos. Seria assassinado em 1945 por ordem direta de Hitler, poucos dias antes da liberação do campo de concentração onde era prisioneiro.

Não há um saber acabado sobre os acontecimentos terríveis ocorridos em janeiro de 1919 em Buenos Aires. Poucos livros, poucos testemunhos, insuficiente acoplamento dos dados conhecidos. Ainda não é conhecido o número exato de mortos, feridos e detidos. Também não se sabe quantas dessas vítimas sucumbiram na sala de tortura, nem se fixou na memória histórica da cidade o pogrom alentado por instituições da elite econômica. Tudo é esquecimento e nota de rodapé, segredo e subsolo, sangue oxidado nos tijolos de bairros antigos, inadvertido silêncio. Nem veneração nem afinação do sentido histórico do ouvido.

Alguma vez o castelhano e o iídiche se encontraram inesperadamente, junto a outras línguas européias, na criação, um pouco artificiosa, de uma linguagem que prometeu unir os povos, o esperanto, e que os anarquistas difundiram desde finais do século XIX. Mas naqueles dias do verão de 1919, quando centenas e centenas foram assassinados nas ruas, muitos morreram reclaman-

do sua inocência, outros gritando “viva a anarquia”, e ainda outros agonizaram no bairro do *Once* murmurando palavras em idioma iídiche.

Nota final

O livro *Koshmar*, de Pinnie Wald, apareceu em iídiche no ano de 1929, e foi editado em castelhano em *Crónicas judeoargentinas, 1890-1944*, com tradução de Simja Sneh. Em 1998, foi reeditado por Ameghino Editora sob o título de *Pesadilla. Una novela de la Semana Trágica*. Os dois livros de referência sobre os acontecimentos de janeiro de 1919 são *La semana trágica de enero de 1919*, de Julio Godio, publicado por Editorial Galerna, em 1972, e reeditado por Hyspamerica, em 1985, e *La semana trágica*, de Edgardo Bilsky, publicado pelo Centro Editor de América Latina, em 1984. David Viñas publicou uma novela sobre o tema, *En la semana trágica*, em 1966, pela Editorial Jorge Álvarez, e existe um conto da época, de novembro de 1919, escrito por Arturo Cancela, “Una semana de holgorio”, incluído em *Tres relatos porteños*, editado na Espanha, em 1923. Dois capítulos do livro de Katherine Dreier, *Five Months in Argentine from a Woman’s Point of View, 1918-1919*, publicado em 1920 em Nova Iorque, estão dedicados a testemunhar os acontecimentos de janeiro de 1919. Sobre o anti-semitismo na Argentina, em geral, e sobre a perseguição de judeus durante a Semana Trágica, pode ser consultado Daniel Lvovich, *Nacionalismo y antisemitismo en la Argentina*, publicado em 2003 por Javier Vergara Editor, e também o artigo “Pogrom en Buenos Aires”, de Damian Colzau. Sobre judaísmo e anarquismo na Argentina, pode ser consultado o artigo de Gregorio Rawin e Antonio López, “La Asociación Racionalista Judía: anarchismo ed ebraismo in Argentina”, ensaio publicado em *L’anarchico e l’ebreo. Storia de un incontro*, editado em Milão por Elèuthera, em 2001. Veja-se também o relato de um partici-

pante policial, *La Semana Trágica. Relato de los hechos sangrientos de 1919*, publicado em 1952 pela Editorial Hemisferio. É muito valioso, também, o livro preparado por Beatriz Seibel, *Crónicas de la Semana Trágica*, editado por Corregidor em 1999. As memórias de Juan Carrulla, *Al filo del medio siglo*, foram publicadas em 1951 pela Editorial Llanura.

Tradução do espanhol por Natalia Montebello

Notas

¹ A noite de São Bartolomeu refere-se ao massacre, comandado pelos reis católicos da França, em agosto de 1572, que durou vários meses e vitimou entre 70.000 e 100.000 protestantes franceses, chamados *buguenotes*. (NT)

² *Uma semana de regozijo*. (NT)

RESUMO

O artigo problematiza o massacre de janeiro de 1919, na cidade de Buenos Aires, conhecido como Semana Trágica, dimensionando o confronto através de uma análise das forças em jogo.

Palavras-chave: Semana Trágica, anarquismo, anti-semitismo.

ABSTRACT

The article problematizes the slaughter of January 1919, in the city of Buenos Aires, which is known as the Tragic week, putting the struggle through an analysis of the forces at stake.

Keywords: Tragic week, anarchism, anti-semitism.

Recebido para publicação em 5 de março de 2007. Confirmado em 4 de junho de 2007.